



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.8, jul./dez.2010



LÍRICA IMPURA III

Edson Costa Duarte

Quando estamos a mil léguas da poesia, ainda dependemos dela por essa súbita necessidade de uivar — último grau do lirismo.
(Emile Cioran)

I

Na solidão
Não me lembro
De nada.

Continuo sendo
Um ser estranho sim.
No entanto também
Tenho asas
Como todos os outros.

Não me lembro de nada
Só do som da água
Vaga lembrança
Que ainda insiste.

No entanto continuo
Sendo um ser estranho.
Líquido
Mas ainda estranho.

Insone.
Mas ainda estranho.

Vaga lembrança
Da solidão
Só o eco da água
Ecoa
Não me lembro de nada.

26/8/2002

Nenhum Domingo exala fúria. Mata. Como um começo que já se foi. Só essa ameaça de chuva de algum início. Só sei que há uma espessa pele sobre todas as coisas. Viciados todos nós. Meus poros exalam o que não sei. Alvorço de passos. Nenhum Domingo se faz sem o sal. Sumo. Mel e melão. Ninguém comemora aquilo que foi só um som. Longo espaço. Música ao fundo. Eu nunca sei, onde está o vício? Tudo isso que gasta e corrói. Misto de medo e ausência. Dói viver. É muito apertado! E o Domingo se alastra, tomando tudo. Dói mas é bom. É puro masoquismo. Queria que tudo fosse como antes. Sóbrio e simples. Meio cinza mas ameno. Desataram os nós e agora riem. Riem do fel e da angústia. Domingo é um dia qualquer. Mas às vezes exala fúria. Mata.

26/8/2002

O real deixa a gente exausto, cara.
Mas logo um sapo pula.
A pele do sapo é viagem pura.
E ainda tem sol
E vento
E folhas.
Enrola mais um.
Aperta até a ponta.
O real cansa a gente, cara.
Borboleta já lambi muita.
Mas o lance mesmo
É a pele do sapo.
Daí tu vira príncipe, cara
Ou abóbora.
Mas o lance mesmo
É a pele do sapo.

Bendita língua.
Bendito líquido da esperança.
Bendita selvageria

Essa que em mim avança.

Poemaço

Pra começo de conversa
Digo que cada coisa
Também colhe seu destino.
O seu instante.
A sua gula.
A sua fúria?
E depois
Vai adiante
Pula
escoiceia.
O desejo é sempre avesso,
Amigo.
Eu puxo papo.
Eu invento.
Eu me invento sempre
Colado ao espelho
Que é onde
De mim a mim mesmo
Nem um passo.
Eu me amo sim.
Eu me amo assim
Anônimo e devasso.
Eu me invento sempre
o começo
de uma nova/outra conversa.

5/11/2002

Amanhã será dia de sol
Dizem as previsões.
Eu estava na paz.
Nada em mim
Que se alastrasse
Que fluísse
Até o nunca.
Duas da madrugada
E o amanhã já é.
Espero acordar quase
No fim dele.
Acordar
Com o último fio de um raio de sol
Batendo direto no meu olho.
Desconfio que algo está errado.
Odeio a luz da manhã.
Ela me cega.
Me toma atônito. Estreito.
As previsões dizem
Que as madrugadas
Serão
Cada vez mais lentas.

Para Adriane Pianowski

Que deus te dê
O destino das garças:
Esguios seres
Feito uma sombra
De um Modigliani.

Que deus te dê
Branco e rosa
E botões aos montes
Pra que teças teu véu de ilusão
Com tua mente e lembrança.

Amor. Só o bastante.
Mas que haja muita música
Tocando
a insensata pele do tempo.
Lento ou lúcido. Não importa
O ávido som do espaço.
Mas que seja música.

Que deus te dê
O destino das garças-crianças:
líquidas
leves
Esguios seres
Feitos de apenas
bico
pernas
e levíssimas penas.

Que deus te dê
Um destino-criança.

O amor também pede trégua.
Anoitece.
Desidrata.
E quando num relance
alguma luz
quase acontece
— de novo o ocaso
das coisas livres mas gastas
tão gastas
que até mesmo o tempo
nelas se refaz como se nunca
tivessem sido
outra coisa
que o derruído —

O amor também pede trégua.
Pede o afeto do amigo.
Mão alheia que seja.
Mas que seja
breve
insana
fogo que súbito se alastra.

Fechado pra balanço.
Eu tô mais cinza que o cinza.
Meio nublado eu diria.
Meio aquela chuvinha
fina interminável.
Interminável tempo
eu não tenho sono
tenho frio somente
e amanhece.
Fechado dentro de mim
anoiteço lento
enquanto o sol se fortalece
numa audácia que me afronta.
Tenho frio
mais escuro que o cinza
alguma coisa negra
se impõe
escorre
dentro de mim
vermelho negro
uivo do infinito
eu tenho sono sim
mas me recuso
me recuso a acordar em mim
tomado pela luz que afronta

fisga súbita
fere fundo

CEGA.

O poeta não pede.
Implora.
O poeta não vibra.
Cala.
Estranho vício
de ser hóspede
do silêncio.
Azul e branco
faço do meu ofício
essa sede de luto
essa espiral do tempo.
Sei que o poeta implora.
Sei que o poeta cala.
Atravessando a ponte
vejo uma sombra do tempo
todo navio, soçobra, um dia
eu penso.
Eco da solidão
E o poeta dorme
alucinado hóspede
do silêncio.
O poeta nada fala
Apenas

FITA.

I

*Tudo que morre
absorto em si mesmo
permanece.*

Escama
Escaravelho
Tudo se deposita
 fundo do mar
Tudo transita
 transitório
 e gasto.

E nós
— seres do tempo —
ainda presos a este espaço
ainda passageiros
ainda transeuntes

de tudo que vai e fica

de tudo que passa.

II

Astúcia
Tensão
Lança que fura
cem olhos de Argos

DESGRAÇA DA VISÃO.

III

No fim
seremos efêmeros
seres alados.

E tudo vasto demais
além
dos túmulos e das asas.

Mas continuaremos a sonhar
rosas de ouro
efebos de marfim.

O aro de nossas vidas
virtuosas águas
em
tumulto e ira.

IV

Aceito a luz
sim
e todo vazio
e todo suplício.

Afeito que estou
às coisas claras
Sim
Aceito a luz
O escuro cala
Madura abstração
a terra fala
o som que ouço é longe.

Sim.
Aceito a cruz.

V

Eu:
fotografia exata:
estranho anonimato.

Não tenho laços.
Enfrento o mar.
Nasço onde há espaço.

Eu
num dos retratos:
pequeno fio da noite

Estilhaço.

Todas as luzes contam
dúbias indecisas
pedaços de nós mesmos
preenchendo o ventre

Não importa.

Todas as luzes gritam:
estrela guia
aurora em pranto
lívida manhã
a gotejar espanto.

Não importa o canto

Todas as luzes contam.

Domingo
é dia de ninguém
é dia nenhum
nem dia seguinte é.

Domingo
é ausência

é puro porre.

XI

Nunca esperar que o tempo chame
Alucinado
Alado
Em chamas.

Nunca esquecer a luz da aurora
a perseguir o canto do pássaro.

Até que tudo seja sonho
Até que tudo se desfaça.

XXII

A gravidade é nossa sina
alvoroço de pássaros
o passado dos passos.

A gravidade
nunca se alcança.

Nem mesmo o equilíbrio

A lança.

XXIII

Não é de cansaço
esta trilha:
escuridão e ar
orvalho num rastro.

Nem de outras eras o pesar
outras vias de um astro.

Não é deste mundo
o sumo de meu espaço.

XXIV

O tempo sempre foi contra mim.

Amarelo que nunca se esquece
Azul que abraça tudo
E o cinza principalmente.

Lua
Orla
E um perfil distante.

Foi assim que te fizeste?

XXXX

Sozinho comigo
as coisas
pulsam
sempre mais.

E se entrelaçam
sólidas
mesmo à música
mais distante.

Os carrosséis da infância.
Apito de sorveteiro.
O coaxar do sapo ao longe.

Sozinho comigo
as coisas
sempre pulsam
muito mais.

Mesmo no instante
em que finda
a música.

TERRA DE NINGUÉM (VULGO *NO MAN'S LAND*)

I

Tem duas caras a morte.
Essa menos escura
de avidez e ventura.

Outra amena e fugaz
como o verde
de certas folhas onde
o corpo do sol se refaz.

Tem duas caras a morte.
Três.

Se te repensas extensa planura
como no pasto a rês.

II

Este que a meu lado dorme
é estranho a mim.
E meu corpo também.
Respira minha intenção
e sabe quanto
pode queimar a intensidade.

"Este" não é um nome:
código vazio
da semântica dos erros.

Palavras são
abstratos enigmas.

Apenas respiro.
Teu corpo é luz
intuo agora.

III

Aceitar as amarras
sem prever vertigens.

E dormimos entrelaçados.
Teu corpo é âncora.
Teu braço é corda.
E teu inteiro é a queda.

Depois
— mais fundos —
só o silêncio da morte
onde principia o gozo.

Aceitar as amarras
enquanto afundas.

IV — PRELÚDIO

i. Para meu espírito

Se nem no silêncio
somos cúmplices
de nós mesmos
o que nos restará?

ii. Para o cachorro

Basta comida e água.
Um par de olhos
E o rabo
O rabo principalmente.

E ele está pronto.

iii. Para meu corpo

A boca e olhos.
Todos os membros
E vísceras.

Depois
O sopro e o sangue.

E o sempre estar
Grudado à matéria.

iv. Para um deus

Os que te fizeram
Preso à cruz
Esquecem
Que a estória de um deus
É mais que mórbido
Desejo do sofrimento.

v. Do mar

Diante dele

Nosso desaparece.
Depois de um tempo
Somos só água.
Ninguém
Nada.

vi. Diante da morte

Tenho fome e sede
Quando chega a hora.
Vejo o azul mais além.

Aqui: absoluto escuro.

vii. A dia seguinte

Ainda não é.
Mas terá sido
Sem que ao menos
se perceba.

viii. Fotografia

Sem rosto
Ficaria menos
propenso
às lágrimas.

ix. Da morte

Aprender
Que cada dia
É um dia a menos.
Ou a mais.

x. Resumo da ópera

Que o excesso
Seja o sumo
De tudo que vivi.

E a sentença.

POESIA ANÔNIMA (1999 - 2000)

I

O pássaro que fui
canta em bem-te-vi
Ai, bem-te-vi, ai, ai.

O canto que ouvi
rubro longe daqui.
Ai, bem-te-vi, ai, ai.

O canto que eu vi
triste alegre nada ali.
Ai, bem-te-vi, ai, ai.

II

Não tenho asas
mas sei o tormento do pássaro.
Confabulo com a chuva
e há muito canto meu canto.

Sou mudo.
Raras vezes canto.
O peso do silêncio
me abate quando
menos espero.

Das cinzas do meu sonho
renasço pássaro.

III

Coleciono penas
feito criança implume.
Afogo minhas mágoas
meus desafetos
no sonho de ser pássaro.

IV

Conheci as cinzas
do fogão à lenha.
Desde menino
arimei arapucas.
Meu pai me pagava
para soltar os passarinhos.

Conheci desde cedo
a angústia de ser preso
desespero e medo.

Hoje, das cinzas que fui,
Me construo pássaro.

V

Um canto
nunca se esquece.
Ecoa até a alma.
Floresce feito flor
implume.
Nunca fenece.

VI

Do bem-te-vi
guardo o canto.
Essa dor de estar
preso a um corpo.

E outros trinados
mais graves
menos amenos
que o grito
de um ser humano.

VII

Cinco dedos.
Duas mãos.
Orelha e umbigo.
Será possível
ao ser humano
o canto?

I — *TEMPUS FUGIT : O TEMPO FOGE*

Tempo
é o que sente
a fera acuada.
Esse frio na barriga
e a armadilha
da fome.

Tempo
é o que fende
coragem e medo.
E distende:
enorme boca
vazia de sentido.

Ficção recebida em 09/06/2010 e publicada em 08/11/2010.